

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CIÊNCIAS ECONÔMICAS

GABRIEL VOELCKER

UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CULTURA
E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

Porto Alegre,

2016

GABRIEL VOELCKER

**UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CULTURA
E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO**

Trabalho de conclusão apresentado Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Orientador: Ronald Otto Hillbrecht

Porto Alegre,

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CIÊNCIAS ECONÔMICAS

PARECER DE VIABILIDADE

Ao analisar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), elaborado pela aluno Gabriel Medaglia Voelker, intitulado: Uma Análise da Relação Entre Cultura e Desenvolvimento Socioeconômico, constato que o mesmo atende às exigências necessárias para ser encaminhado à banca examinadora.

Porto Alegre/RS, _____ de _____ de _____.

Ronald Otto Hillbrecht
Professor Orientador

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Porto Alegre/RS, __ de _____ de 2016

Aluno: **Gabriel Medaglia Voelcker**

Título: **Uma Análise da Relação Entre Cultura e Desenvolvimento Socioeconômico**

Objetivo: **realizar uma análise de como a cultura de uma sociedade se traduz em ações que impactam seu desenvolvimento socioeconômico.**

Área de concentração: **economia da cultura**

Banca examinadora:

Grau final: _____

Este trabalho é dedicado em memória de Maria
Alzira Nunes Pereira.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um esforço de anos de estudo e interesse pela arte que é a Ciência Econômica. Minha gratidão é destinada a todos que me acompanharam e apoiaram desde que entrei na faculdade.

Agradeço minha família, em especial minha mãe Cláudia, meu pai Christian e minha irmã Ana Carolina, sem os quais eu nada atingiria.

Ao meu orientador, Prof. Ronald, pela ajuda e encorajamento durante a execução deste projeto.

RESUMO

O trabalho tem por objetivo analisar os padrões culturais de países procurando correlacioná-los com indicadores socioeconômicos. Busca-se entender a relevância dos valores e como ocorre sua tradução em ações que impactam a sociedade. Além disso, realiza-se a análise dos valores do Brasil e de uma amostra de 57 países coletados pela pesquisa do Professor Geert Hofstede. Estes dados são computados para uma regressão econométrica que busca distinguir quais fatores culturais influenciam o desenvolvimento humano. Verificou-se que há uma correlação positiva entre valores culturais de Individualismo, Orientação de Longo Prazo e Indulgência e o Índice de Desenvolvimento Humano.

Palavras-chave: Desenvolvimento socioeconômico. Cultura. Valores.

Classificação JEL: O57, estudos comparativos entre países.

ABSTRACT

This work analyses cultural patterns throughout nationwide data, correlating them with socioeconomic indicators. It aims to understand the relevance of values in terms of explaining economical performance and how values are translated into actions that impact society. A thorough analysis is made of the Brazilian reality and also from a 57 country sample collected by Professor Geert Hofstede's research. This data was used in a regression in order to assess which values are significant to human development. It was found that there is a correlation between the cultural values of Individualism, Long Term Orientation and Indulgence with the Human Development Index.

Keywords: Socioeconomical development. Culture. Values.

JEL Classification: O57, comparative studies of countries.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Comparação das Seis Dimensões de Hofstede entre Brasil e Japão..... | 16 |
| Figura 2 - Dimensões do Prof. Schwartz..... | 20 |
| Figura 3 - Modelo de MQO com as Variáveis Independentes com Significância | 42 |
| Figura 4 - Normalidade dos Resíduos | 43 |
| Figura 5 - Normalidade dos resíduos..... | 44 |

LISTA DE ABREVIACÕES

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

RDH - Relatório de Desenvolvimento Humano

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 13 |
| 2.1 O ESTUDO DA CULTURA | 13 |
| 2.2 O MODELO DE GEERT HOFSTEDE | 14 |
| 2.3 O MODELO DE SHALOM SCHWARTZ | 17 |
| 2.4 A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO | 21 |
| 2.4.1 Conexões entre Cultura e Fatores Socioeconômicos | 21 |
| 2.4.2 Cultura e Eleições Políticas..... | 22 |
| 2.5 É POSSÍVEL ALTERAR UMA CULTURA?..... | 25 |
| 2.6 QUAL A RELEVÂNCIA DA CULTURA NO BRASIL? | 27 |
| 3 METODOLOGIA E AMOSTRAGEM | 31 |
| 3.1 AS DIMENSÕES DE HOFSTEDE | 31 |
| 3.2 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO | 32 |
| 3.3 AMOSTRAGEM..... | 34 |
| 3.3.1 Valores da Pesquisa de Geert Hofstede | 34 |
| 3.3.2 Valores do Índice de Desenvolvimento Humano | 38 |
| 3.4 MÉTODO ECONÔMETRICO | 40 |
| 4 RESULTADOS | 42 |
| 5 CONCLUSÃO..... | 46 |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |

1 INTRODUÇÃO

Muitas pesquisas na história da ciência econômica se propuseram a estudar as causas de prosperidade e pobreza das nações. Uma abordagem emergente que interessa cada vez mais acadêmicos é a relação entre cultura e economia, que tem aberto espaço para muitas perguntas e poucas respostas. Este trabalho julga haver espaço para expansão do estudo neste assunto dada a pouca atenção dispendida à questão tão importante. Apesar de estudos sobre este assunto não serem novos, apenas nas últimas décadas autores dispenderam maiores esforços na área e se destacaram por coletar bases de dados que permitissem avaliar dimensões culturais entre diversos países. Essa qualidade comparativa foi uma das principais forças por trás do presente trabalho. Apenas com estas informações pode-se confrontar as noções de valores e prioridades de diversas nações. Questões como o que leva as pessoas a pensarem como pensam, decidirem como decidem, agirem como agem e a repercussão disto na economia da sua sociedade ganharam prestígio nos últimos 30 anos, e graças à expansão da literatura sobre este tópico que trabalhos como o presente podem ser realizados, com o intuito de agregar à discussão.

Um dos principais objetivos deste trabalho é estabelecer a conexão entre os valores culturais de uma sociedade e como eles se concretizam em características que de fato influenciam na economia. Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica que tanto serviu de embasamento teórico como forneceu a amostra utilizada. Outras questões estudadas englobam a possibilidade de se alterar a cultura de uma nação, a manifestação de valores em eleições e modelos relevantes que analisam valores e culturas dos seres humanos. Por fim, a seção dá um enfoque especial sobre qual é a realidade cultural do Brasil, as pesquisas e dados já realizados no país e como a população se vê em relação a estas questões.

A terceira seção está dividida entre Metodologia e Amostragem. Inicialmente, explica-se quais são os dados aqui utilizados, e é realizada uma análise comparando estes valores entre os 57 países coletados. Em seguida, aborda-se qual o método econométrico empregado para verificar a relação entre cultura e desenvolvimento socioeconômico.

Os resultados atestam que das seis variáveis independentes utilizadas para explicar cultura, três possuem significância para explicar o IDH das nações coletadas. Estas dimensões culturais foram Individualidade, Orientação de Longo Prazo e Indulgência. Explica-se as implicações destas para os valores da sociedade, bem como o impacto positivo delas no Índice de Desenvolvimento Humano.

Por fim, conclui-se que por ser um campo de estudo ainda pouco explorado, pequeno

esforço se destina à compreensão das realidades culturais das nações. Porém, se a barreira cultural for reconhecida como empecilho para o desenvolvimento, é possível enfrentar e superar esta questão.

A primeira parte deste trabalho consiste na presente Introdução. O capítulo seguinte compreende a Revisão Bibliográfica realizada, a terceira parte apresenta a Metodologia e Amostragem utilizada no trabalho. Por fim, apresenta-se os Resultados na quarta seção e na quinta a Conclusão.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O ESTUDO DA CULTURA

O estudo do processo de racionalização do indivíduo associado à economia pode ser traçado até Max Weber. (HABERMAS, 2015). Ele buscou entender o significado que os indivíduos atribuem às suas próprias ações, combinando o enfoque social da ciência econômica com a sociologia religiosa. Weber (2002) estudou as relações entre o capitalismo e religião, argumentando que os sistemas políticos e econômicos surgidos na Idade Média foram essenciais para o surgimento do capitalismo. A hipótese de que a cultura influenciaria a economia desde sua gênese não era restrita apenas à religião, mas absorvia também valores, crenças e éticas.

No final do século XX, o estudo de culturas ampliou-se, buscando características comuns à sociedades diversas, permitindo compará-las entre si. Estes estudos são a base do trabalho aqui elaborado, e as contribuições destes são revistas na presente revisão bibliográfica justamente por seu intuito comparativo. Alguns valores são consensualmente importantes, como por exemplo o respeito pelo próximo, mas a escala na qual ele é valorizado perante outros valores da mesma sociedade é o que permite traçar um perfil desta cultura. É improdutivo avaliar valores isolados, a relevância do estudo destes ocorre quando eles são comparados entre si, e especificamente no presente trabalho, quando as culturas de várias nações são comparadas entre si. A durabilidade de como alguns valores são aceitos e exigidos pela sociedade é o que configura a estabilidade destes. (KLUCKHOHN, 1951). Os valores são traduzidos nas ações que a população prioriza na hora de tomar decisões no âmbito coletivo. Mas como a cultura é o conjunto de valores de cada integrante desta sociedade, quantificar uma expressão individual como uma dimensão coletiva é um desafio a ser superado pela psicologia social quando se busca entender a motivação por trás das escolhas tomadas seja por uma pessoa, um grupo ou um governo.

A cultura de um país é a parte atuante de sua identidade. Ela que justifica o pensamento, as decisões e as medidas de tanto os *policy makers* quanto da população. Porém, é difícil deduzir uma relação de causa entre cultura e desenvolvimento socioeconômico pois a estrutura social e econômica de um país é tanto antecedente como resultado da sua cultura. A cultura permite que a sociedade ache padrões com os quais ela se identifique, e assim funcione como elemento balizador em busca de um ponto de benefício comum. Como elemento comum ao racionalizar e entender ideias, a cultura que a sociedade expõe a seus

cidadãos influencia a maneira como eles absorvem as situações ao seu redor. Por exemplo, um inglês entenderia e aceitaria de maneira diversa do brasileiro um aumento de impostos no seu país. Se em detalhes do cotidiano as impressões já diferem, apenas resta aprofundar o conhecimento da área em situações com desdobramentos mais sérios. Este trabalho argumenta que as culturas possuem um impacto magnânimo em questões sérias como o debate em prol do desenvolvimento nacional (HOFSTEDE, 1984).

Mas como a cultura de um país é transmitida para as próximas gerações? Pelos pais, pela educação, pelos círculos sociais em que se convive ou pelas informações a que se é exposto? A resposta correta diz respeito à todas anteriores. Em uma pesquisa realizada para o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) do Brasil em 2009/10, 43,1% dos entrevistados responderam à pergunta: “Quem tem a responsabilidade de ensinar valores?” atribuindo esse dever à Família. Em segundo lugar, com 24,75% das respostas, ficou a Escola e em terceiro lugar, com 14,05%, ficou a Religião. As colocações subsequentes foram ocupadas com Governo, Amigos e Mídia. O primeiro contato social de cada pessoa é de suma importância para sua formação de valores e prioridades. O mesmo relatório do Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD) reconhece que os valores são acumulados por uma variada gama de experiências, resultando no caráter individual de cada um, atribuindo à Família o papel de educar e transmitir valores aos seus filhos. Porém, assim como esse processo cumulativo dá o seu primeiro e mais importante passo na interação com aquele que desempenha o papel parental, outras convivências ajudam a moldar valores. O quanto estes conversam entre si, acabam por formar a cultura de uma nação. (PNUD, 2010).

A tarefa de mensurar algo subjetivo e não concreto como as culturas das nações e os valores dos seus habitantes rende frutos positivos como permitir a comparação entre elas. Poucos sociólogos se aventuraram neste assunto, e nas seções 2.2 e 2.3 aborda-se o trabalho de dois dos principais expoentes da área: Geert Hofstede e Shalom Schwartz, respectivamente.

2.2 O MODELO DE GEERT HOFSTEDE

O presente trabalho possui como principal influência o trabalho do psicólogo holandês Geert Hofstede. Sua pesquisa surgiu no final da década de 60, quando ele foi pioneiro ao estudar indicadores culturais em diversos países com o objetivo de compreender o quanto a nacionalidade da cultura afeta as ações e as escolhas seja de um simples cidadão ou de um líder de estado. Sua pesquisa começou como uma comparação de valores em ambientes profissionais de diversos

países, e seguiu aprofundando e crescendo até hoje, quando se tornou uma das principais referências mundiais no estudo de culturas e sua influência na sociedade.

O Professor Hofstede argumenta em seu livro *Consequências da Cultura* que explorar a maneira com que a nacionalidade predispõe a maneira como se pensa de cada um traz uma melhor compreensão das invisíveis diferenças entre nações, e esta é a principal contribuição do seu estudo para se entender tanto as decisões práticas de *policy makers* em governos, organizações e instituições, bem como as de cidadãos comuns. Um trabalho que começou como uma busca pela compreensão de como os valores nos locais de trabalho são influenciados pela cultura de cada país acabou por tomar proporções maiores, com Hofstede se aventurando no campo da sociologia. Na introdução do seu livro, ele define cultura como “programação coletiva da mente; manifestando-se não apenas em valores, mas em maneiras mais superficiais: em símbolos, heróis e rituais”. (HOFSTEDE; HOFSTEDE, 2001, p.1).

Hofstede avalia padrões culturais em seis dimensões distintas, que possuem dinâmicas independentes, não correlacionadas entre si. Sua extensa pesquisa coletou dados referentes a mais de 70 países, e os dados destes indicadores para cada país são utilizados como variáveis independentes no presente estudo, como explicado na seção 3. As seis dimensões descritas por Hofstede são: Distância de Poder, Individualismo, Masculinidade, Evasão de Incertezas, Orientação de Longo Prazo e Indulgência. As quatro primeiras estão presentes desde a primeira versão do seu trabalho, enquanto as últimas duas foram adicionadas subsequentemente, com o aprofundamento da pesquisa. Segue uma breve descrição do intuito de cada indicador.

A dimensão Distância de Poder lida com o fato de que nem todos indivíduos em um grande conjunto são iguais hierarquicamente, expressando como a cultura lida com o fato de que apenas alguns participantes de uma sociedade possuem um papel ativo na hora de tomar decisões importantes, bem como sua aceitação desta desigualdade de poder.

O Individualismo aborda o grau de interdependência que uma sociedade possui entre seus membros. Considera coletivista aquele que pensa na sociedade como um todo e individualista quem opta por se preocupar consigo e sua família.

Em Masculinidade é abordada a concepção de sucesso daquela cultura. Uma sociedade é dita mais masculina se para atingir a realização pessoal é esperado que se atinja resultados, ou seja, quando alguém possui uma performance pessoal comparativamente melhor que a do próximo, caracterizando-se um vencedor. Em contrapartida, uma sociedade é considerada mais feminina se prioriza aspectos referentes à qualidade de vida e de cuidado com o próximo, o que o Prof. Hofstede julga como sendo menos competitiva.

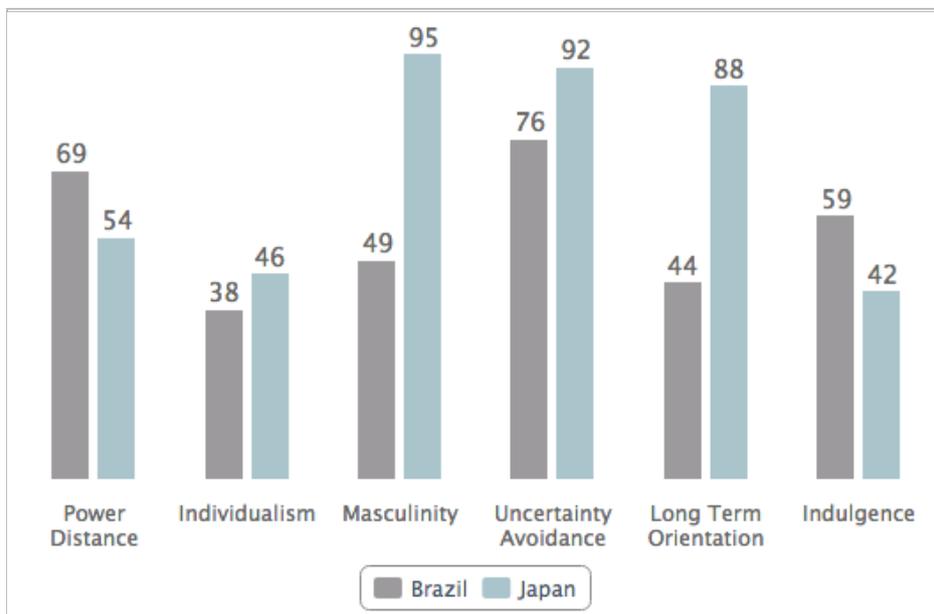
Evasão de Incertezas lida com como uma cultura aceita o fato de o futuro ser incerto. Ela mensura o quanto a cultura daquele país tenta controlar o futuro e o quanto ela consegue se desapegar disto e aceitar as incertezas que a vida propõe. Indiretamente, lida com o quanto uma sociedade se sente ansiosa ou ameaçada por aquilo que ela não consegue controlar.

A dimensão Orientação de Longo Prazo aborda o quanto a mentalidade de uma cultura se volta para o curto ou longo prazo. Ela julga ser necessário o desapego do conservadorismo e de tradições daquela identidade cultural para que seja possível valorizar e priorizar um futuro que supere as limitações do presente.

Indulgência confronta o a socialização de crianças, pois sem esta, não é possível tornar-se humano. Esta dimensão busca mensurar o quanto aquela cultura repreende seus desejos e impulsos, sendo indulgente uma cultura que possui um controle fraco e restritiva uma que possui controle forte.

Todos os valores para cada dimensão deste trabalho foram normalizados entre 0 e 100. A figura 1 exemplifica valores para os casos de Brasil e Japão, retirados do próprio site do Prof. Hofstede.

Figura 1 - Comparação das Seis Dimensões de Hofstede entre Brasil e Japão



Fonte: Geert-Hofstede, 2016a.

Como anteriormente explicado na Introdução, aprofunda-se esta comparação utilizando todos os países pesquisados pelo Professor Hofstede na seção 3.3. Os valores encontrados pela pesquisa tendem a ser estáveis, com Hofstede argumentando que as principais mudanças sobre estes ocorrem por forças de proporções continentais, ou até

globais. Isso significa que estas mudanças podem afetar mais de um país por vez, mas ao alterarem-se em conjunto, as suas posições relativas permanecem inalteradas. Hofstede defende que as exceções a isso ocorrem quando os níveis de renda e educação aumentam muito rapidamente, e mesmo quando este é o caso, as posições relativas dos países afetados mudam muito vagarosamente.

2.3 O MODELO DE SHALOM SCHWARTZ

Outro dos principais expoentes do estudo da cultura que influenciou este trabalho foi o pesquisador Shalom Schwartz. Para ele, cultura compreende “significados, crenças, práticas, símbolos, normas e valores que prevalecem em uma sociedade”. (SCHWARTZ, 2006, p.138). Estes seriam responsáveis por justificar as ações de um grupo, bem como seus objetivos, e disso derivariam arranjos institucionais, políticas, normas e práticas diárias de uma sociedade. Um exemplo dado por Schwartz seria o de que uma cultura que valoriza o sucesso e a ambição podem traduzir estes valores em sistemas econômicos altamente competitivos. As preferências nas orientações de valores culturais, ou seja, valores como ideais, promove a coerência entre vários aspectos internos à cultura. Os elementos que são externos a estas preferências possuem uma receptividade para com aquela cultura de modo que se tornem incompatíveis com ela, pressionando a alteração desta. Por exemplo, um país que valoriza a responsabilidade coletiva reprimiria uma firma que dispensa funcionários leais em troca de uma maior lucratividade. Mas mesmo com suas preferências esclarecidas e aceitas, nenhuma cultura está imune à incoerência. Havendo uma cultura dominante, pode se formar uma subcultura, ou várias delas, com valores conflitantes. Esse desalinhamento de orientações é o que faz com que haja uma mudança no grupo dominante. Estas mudanças culturais possuem dinâmica tectônica: invisível, lenta e constante. Em termos práticos, a cultura de um país é relativamente estável dado o lento processo histórico que esta atravessa em sua constante formação. Mas com a variedade de externalidades a que a sociedade é exposta com o passar dos anos, Schwartz defende que mudanças culturais são inevitáveis. A seção 2.5 aborda casos práticos de como eventos específicos alteraram certas culturas (SCHWARTZ, 2012; PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 1993).

Porém, diferentemente da pesquisa do Professor Hofstede, a abordagem do Professor Schwartz envolve polos opostos correlacionados ao mensurar a cultura ao invés de seis dimensões não correlacionadas. Segundo ele, identificar esta estrutura universal de valores permite que se derive dimensões de comparação entre eles (SCHWARTZ, 1992). Além disso,

a revisão bibliográfica deste estudo evidencia que agrupamentos de indivíduos possuem podem ser contrastados pela sua maneira de entender o mundo. A estrutura proposta pelo autor se refere às relações de conflito e compatibilidade entre os valores, não à sua importância para um grupo ou indivíduo.

A organização das dimensões de Schwartz se preocupa em expressar o objetivo motivacional de cada valor. Eles derivam uma tipologia universal que busca racionalizar, na forma de metas conscientes, três necessidades às quais todos seres humanos devem responder: necessidades biológicas do indivíduo, requisitos de uma interação social coordenada e o bem estar de grupos. O estudo de Buss (1986) foi utilizado para atestar a importância e a validade destes três requisitos para a sobrevivência. Deles derivaram-se oito tipos motivacionais distintos, que originaram as 11 dimensões que foram subsequentemente utilizadas para explicar valores pelo Professor Schwartz. Como a abordagem concatena tipos motivacionais para comparar valores, a necessidade de contrastá-los se deu necessária uma vez que ações podem ser conflituosas entre valores. Por exemplo, uma decisão por tomar uma iniciativa de obediência prioriza o valor Conformidade, uma decisão oposta a uma que busca independência, que prioriza Auto-determinação. Então, baseando-se nas possibilidades de conflito entre os tipos motivacionais, o Professor Schwartz organizou uma estrutura em que se incluísse os tipos de valores. Os 11 valores por ele definidos são:¹

1) Auto-determinação: este tipo motivacional está mais presente naquele indivíduo que valoriza pensamento e ação independentes. Indivíduos que o priorizam valorizam realizar suas próprias escolhas, liberdade para criar e explorar aquilo que os interessa. Dentre os valores presentes em pessoas com alto escore para Auto-determinação estão: independência, liberdade, curiosidade, escolha das suas metas, auto-respeito e auto-confiança.

2) Estimulação: deriva da necessidade por atividades variadas para manter o nível de motivação alto. Esta necessidade se correlaciona com aquelas que estimulam a Auto-determinação. (DECI; RYAN, 1975). As diferenças individuais entre valores de estimulação ocorrem por condicionamento também da experiência social que necessita biologicamente de experiências diversas para se sentir motivada a atingir seus objetivos. Esta dimensão valoriza: audácia, experiências estimulantes e uma vida excitante e variada.

3) Hedonismo: deriva da necessidade por prazeres. Este tipo motivacional engloba a gratificação sensível do indivíduo oriunda de experiências que satisfaçam seus desejos. Ela se

¹ A apresentação destes valores foi organizada de maneira similar àquela do Desenvolvimento (2010), que na seção 2.6 apresenta o caso específico do Brasil para a estrutura de valores do Professor Schwartz.

correlaciona com a variável Indulgência do estudo do Professor Hofstede. Esta dimensão valoriza: prazer, gratificação de desejos e desfrutar a vida (lazer, comida, etc..).

4) Realização: esta dimensão tem por meta o atingimento do sucesso pessoal por meio da demonstração de competência segundo padrões sociais. Uma performance competente é um requisito para um indivíduo obter recursos para sobrevivência e para que a interação social e institucional funcionem. Eles se correlacionam com a necessidade de aprovação social. A Realização valoriza: ambição, êxito, influência, inteligência e competência.

5) Poder: deriva da dimensão de dominância e submissão presente nas relações sociais de uma sociedade. Uma vez estabelecida esta relação díspar entre indivíduos, para motivar a aceitação disto é necessário tratar Poder como um valor. A meta principal desta dimensão é o atingimento de status social e prestígio, bem como dominância sobre pessoas e recursos. Valoriza-se: autoridade, riqueza, reconhecimento social, preservação da imagem pública e direito de comandar.

6) Segurança: esta dimensão é oriunda das noções de harmonia e estabilidade da sociedade e dos relacionamentos. Este tipo motivacional pode ser dividido em dois âmbitos: o pessoal e o social. A divergência entre ambos é que o primeiro preocupa-se com a segurança de um indivíduo e sua família, enquanto o segundo preocupa-se com questões mais abrangentes como a integridade nacional. Dentre os valores presentes em pessoas que priorizam a Segurança, estão: idoneidade, segurança familiar e nacional, ordem social, sentimento de pertencimento, saúde e limpeza.

7) Conformidade: relaciona-se com o restringir de ações e impulsos que possam prejudicar outros, violar normas ou não corresponder às expectativas sociais. Derivam do fato que indivíduos possam inibir alguns desejos por medo que interfira de maneira disruptiva na ordem social ou de grupos aos quais eles pertençam. A Conformidade valoriza: polidez, obediência, bons modos, auto-disciplina e respeito.

8) Tradição: deriva de símbolos e práticas que representam as experiências de um grupo. Estes acabam por tornarem-se tradições valorizadas pelos membros desta sociedade. Muitas vezes as tradições se correlacionam com religiosidade e crenças pela maneira como se compartilham em uma comunidade. Esta dimensão valoriza: humildade, devoção, honra aos pais e mais velhos, vida espiritual, moderação e cumprimento de deveres.

9) Espiritualidade: deriva da necessidade dos seres humanos de enfrentarem sua existência com sentido e coerência face a aparente falta de sentido do cotidiano. Muitas religiões suprem a resposta do questionamento da existência humana ao referirem-se a uma força superior ou sobrenatural, enquanto perspectivas não religiosas procuram esta resposta

no mundo natural sensível. Esta dimensão abrange preocupações espirituais, o sentido da vida, harmonia interna, desapego e unidade com a natureza.

10) Benevolência: foca no bem-estar das pessoas próximas na interação diária. Esta dimensão valoriza: honestidade, sinceridade, disposição de perdoar aos outros, ajuda, não-rancoroso, amizade, responsabilidade e lealdade.

11) Universalismo: similar à Benevolência, esta dimensão preocupa-se com o bem-estar dos outros não só próximos ao indivíduo mas da humanidade como um todo e do meio ambiente. Este tipo motivacional se torna aparente quando as pessoas entram em contato com aqueles de fora do seu ciclo social ou tornam-se conscientes da escassez de recursos naturais.

Estas 11 dimensões gravitam entre polos opostos de Autotranscendência e Autopromoção, e Abertura à Mudança e Conservação. O primeiro polo compara o quanto o as questões que envolvem o indivíduo dizem respeito a si mesmo e sua família (Autopromoção) e à sua comunidade e o bem do próximo (Autotranscendência). Este índice está correlacionado com a dimensão Individualismo do Prof. Hofstede. O segundo polo diz respeito ao quanto o indivíduo se apega à tradições (Conservação) e aceita alterações na sua vida (Abertura à Mudança). Esta dimensão está correlacionada com a dimensão de Evasão de Incertezas do Prof. Hofstede. A dinâmica do prof. Schwartz está explicitada na figura 2.

Figura 2 - Dimensões do Prof. Schwartz



Fonte: PNUD (2010).

Comparando os modelos de Hofstede e Schwartz, supõe-se que algumas características são mais facilmente compartilhadas quando seus interesses são alinhados. Por exemplo, um valor alto na dimensão Distância de Poder possui uma probabilidade maior de também ser um valor maior em Hierarquia do que Igualitarismo. Diferentemente de Hofstede, que organizou suas seis dimensões independentes entre si, Schwartz montou suas dimensões em uma estrutura compartilhada dado que todas são valores comuns a uma mesma cultura em proporções diferentes.

2.4 A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Esta seção tem por objetivo analisar a tradução de valores e culturas em ações e decisões que ajudam a formar a sociedade e economia em que o indivíduo habita. Como Schwartz (2006) explica, só há relevância dos valores quando eles acabam gerando uma ação concreta, seja em forma de voto, protesto ou medida econômica. Por isso, a seção foi separada entre dois pontos relevantes para entender a conexão da cultura com desenvolvimento econômico. A primeira parte consiste em estabelecer essa relação bem como suas propriedades práticas, enquanto a segunda analisa a relação entre culturas e orientação política.

2.4.1 Conexões entre Cultura e Fatores Socioeconômicos

Tendo definido o que é cultura e sua relevância para estudos sociais, explica-se a sua conexão com o desenvolvimento socioeconômico. Por que seria ela relevante e como influenciaria o crescimento de um grupo, uma sociedade, um país? Primeiramente, porque desenvolvimento não é um conceito neutro, desprovido de valores. Mudanças sociais e individuais precisam ser consideradas benéficas para que haja a mobilização para traduzi-las em desenvolvimento. (COMIM; AMARAL, 2013). Assim, estabelece-se a conexão do desenvolvimento de um país com a cultura de sua sociedade, aquilo que a nação julga positivo é o que será priorizado. Para haver desenvolvimento é necessário o envolvimento de pessoas construindo aquilo que elas julgam ser bom para a sua sociedade. E como defende Tetlock (1986), a importância relativa do valor é o que leva à ação. Existe um *tradeoff* que leva a sociedade a escolher aquilo que ela julga melhor para si, e os valores daquela cultura são utilizados como critério para tomada de decisões uma vez que nem todas medidas podem ser adotadas então aquilo que ela prioriza acaba sendo realizado prioritariamente.

No livro “Por Que as Nações Fracassam”, Acemoglu e Robinson (2012) questionam a validade da hipótese cultural para compreender a desigualdade mundial. Mesmo criticando esta linha de pensamento, os autores cedem que as diferenças culturais compreendem aquilo que pode dar sustentação as diferenças institucionais, principais responsáveis pelas desigualdades mundiais. A aceitação dessas diferenças por parte da sociedade acarretaria a perpetuação da desigualdade. Esta concessão à abordagem da cultura como influência de desenvolvimento socioeconômico atesta a validade da teoria mesmo que por críticos dela, uma vez que “[...] as normas sociais, que são relacionadas à cultura, exercem profunda influência e podem ser difíceis de mudar [...]”. (ACEMOGLU; ROBINSON (2012, p.45). Esta abordagem propõe a cultura de uma nação como condicionante para o desenvolvimento econômico.

Por outro lado, alguns estudiosos estudaram o quanto patamares de renda impactam os valores das pessoas Inglehart (1988), Triandis (1990) e Schwartz (1993). Estes argumentam que um maior nível econômico permitem mais oportunidades e escolha por estilos de vida independentes, o que gera uma apreciação dos valores considerados intelectuais e autônomos, enquanto desvalorizando outros de tipos conservadores e hierárquicos. Em Schwartz e Bardi (1997), foram correlacionados dados de renda per capita e valores, e 43% das correlações demonstraram-se significantes a um nível de 10%. Neste caso, a abordagem defende que os valores podem ser moldados pela realidade socioeconômica das nações.

Como explicitado anteriormente, não é objetivo do presente trabalho buscar uma relação de causa e efeito entre cultura e desenvolvimento socioeconômico. Os estudos revisados defendem que a cultura de um país pode ser tanto a base quanto o produto da sua situação socioeconômica, o que configura uma relação complicada de se entender mas inegavelmente existente. A seção 3.4 explica o processo metodológico utilizado conectando cultura e indicador socioeconômicos.

2.4.2 Cultura e Eleições Políticas

Nos últimos 30 anos, diversos trabalhos buscaram estudar a relação e o impacto da cultura em fatores socioeconômicos. Exemplos destes estudos foram apresentados nas seções anteriores, e estes são usados como principal influência da linha de pensamento aqui elaborada. Porém, não são as únicas abordagens relevantes nesta área. Esta seção busca elucidar a conexão entre aspectos culturais e a expressão de valores por meio das escolhas democráticas, que se manifestam principalmente através de votos. Os eleitores podem traduzir

seus diversos valores de maneira periódica em eleições nos seus países, diferindo de interesses entre si. Utilizando a mensuração de valores de Schwartz (1992), sabe-se que pessoas com orientações políticas de direita possuem um interesse maior em Poder, Hedonismo, Sucesso, Conformidade e Segurança. Os que se identificam com políticas de esquerda priorizam Universalismo, Benevolência e Auto-Direção. Alguns estudos buscaram identificar valores em eleições específicas, como explica-se a seguir.

Uma das principais maneiras de um cidadão traduzir seus valores em uma decisão concreta ocorre por meio do voto. Esta análise converge com a noção de Schwartz (2006) de que valores são funcionam como guia de avaliação para ações, políticas e eventos. No trabalho de Barbaranelli et al. (2007), os autores buscam avaliar traços de personalidade de eleitores de uma eleição presidencial. Corroborando a ideia aqui apresentada de que valores se alteram lentamente, o estudo mostra como a ideologia partidária é menos influente na escolha do candidato do que no passado, e que recentemente as características dos eleitores, como valores e preferências morais, lentamente passaram a desempenhar um papel mais decisivo. Estes traços dos eleitores se revelaram muito mais influentes para o voto dos eleitores do que elementos demográficos mais comumente estudados como educação, idade e gênero.²

O artigo de Barbaranelli et al. (2007) argumenta que em sociedades ocidentais, é possível associar indivíduos mais abertos ao convívio social com medidas progressivas e de orientação esquerdista, enquanto pessoas mais reclusas optam por políticas conservadoras, tradicionais e de direita. Segundo McCrae (1996), com esse tipo de evidência atesta-se uma relação entre conservadorismo político e psicológico, condizente com a abordagem que relaciona política e valores que aqui se busca defender. O artigo analisa o perfil dos eleitores na eleição presidencial americana de 2004, entre George W. Bush e John Kerry. O resultado do estudo indica relações entre certos valores com a preferência de votos, mas também mostrou a irrelevância de idade gênero como discriminador de valores entre os eleitores. Aqueles que priorizaram perfis enérgicos e conscientes mas não valorizaram noções de abertura ao diálogo e concordância se mostraram maiores apoiadores da candidatura de George W. Bush, um republicano. Em contrapartida, o eleitor democrata de John Kerry apresentou um escore inverso de traços de personalidade, sendo mais abertos ao diálogo e menos enérgicos e conscientes. Os autores reforçam a validade dos seus resultados em comparação aos estudos por eles revisados por utilizarem um modelo diferenciado que reduz

² Para uma revisão deste assunto, ver Caprara e Zimbardo (2004).

a variância do erro. Em contrapartida, o estudo não utilizou uma gama variada de dados demográficos, coletando apenas gênero, idade e etnia.

O artigo de Caprara et al. (2006) segue uma linha parecida de raciocínio ao analisar as eleições italianas de 2001. Os autores atribuem ao processo de individualização, isto é, à personalidade dos eleitores e não a sua organização social ou grupos de interesse, o papel de determinar o voto. Eles se propõem a analisar traços da personalidade dos eleitores para tentar compreender as escolhas políticas destes. Estes traços são caracterizados como dimensões de diferenças individuais com tendências de replicar um padrão de pensamentos, sentimentos e ações. (MCCRAE; COSTA, 1990). Essas diferenciações em valores são responsáveis por moldar a ideologia do eleitor. Se isto pode explicar os padrões de voto, os políticos podem utilizar essa leitura de valores ideológicos dos eleitores para comunicarem-se com eles em uma dimensão mais pessoal, atentando aos seus valores e não apenas à propostas conflitantes de direita ou esquerda. Os autores utilizam o modelo de Schwartz (1992) para avaliar valores e prioridades dos eleitores. A primeira constatação que deve ser notada do estudo, é que a partir dos anos 90, após a queda do Muro de Berlim e do fim da União Soviética, os partidos italianos em polos opostos da dinâmica entre ser de esquerda ou de direita se aproximaram do centro. Isto quer dizer que a individualização do eleitor não requeria mais aquele radicalismo ou extremismo ao escolher sua ideologia existente no auge da Guerra Fria, pois as novas coalizões possuíam um apelo maior àquela parcela da população que possui seus valores, como qualquer um, mas não era tão engajada politicamente. A ordem política que vigorara por 40 anos na Itália havia dissolvido-se em centro-esquerda e centro-direita. Os eleitores que votaram na primeira priorizavam os méritos do “*welfare state*”, correlacionando-se com valores de justiça social e pluralismo e igualdade de oportunidades. Em contrapartida, os que votaram na centro-direita enfatizaram a economia de mercado, enfatizando valores mais individualistas como segurança e identidade familiar e nacional. (BOBBIO; CAMERON, 1996; CACIAGLI; CORBETTA, 2002; VENEZIANI, 1994). Também foi revelado que os eleitores de direita possuíam um maior poder aquisitivo, o que está em linha com o exposto pelo Professor Hofstede de que o individualismo e nível de renda estão correlacionados positivamente. Já dos 10 traços de valores utilizados por Schwartz, a pesquisa verificou que cinco são significativamente correlacionados com a opção de voto. Eleitores com valores de universalismo altos, como aptidão à socialização e amizade, e baixos de energia e conscienciosidade optaram por votar pela centro-esquerda. O estudo defende que a ênfase de programas desta plataforma política voltados para o bem-estar coletivo e à educação, tolerantes à diversidade, tornou a centro-esquerda mais atrativa à pessoas mais abertas e

amigáveis pois elas enxergavam seus valores traduzidos nas ações propostas. A ênfase da centro-direita em programas mais empreendedores e que advocavam a liberdade de negócios tornou esta plataforma mais apelativa para aqueles que enxergavam seus valores traduzidos em medidas mais energéticas e dominantes. O que caracteriza estes eleitores não é seus níveis de entusiasmo ou de atividade, mas o senso forte da dimensão de Auto-determinação de Schwartz. O líder da centro-direita, Silvio Berlusconi, enfatizava valores de dominância e assertividade em seus discursos eleitorais, o que foi mais priorizado pela população que acabou por elegê-lo.

Por outro lado, em Leimgruber (2011), o autor defende que a cultura é muito importante para definir os valores políticos, porém seu efeito direto no voto é limitado pois há a influência de diversos fatores no perfil político do eleitor. Ele questiona de onde surgem estes valores pois não apenas eles predisõem o comportamento político das pessoas como predizem certas atitudes políticas. (SCHWARTZ, 2006). Este trabalho formaliza uma das principais críticas ao abrangente estudo dos valores que é a falta de análise de variáveis exógenas que influenciam a cadeia valores, atitudes e comportamento como elaborado por Feldman (2003).

2.5 É POSSÍVEL ALTERAR UMA CULTURA?

Mas uma vez estudada e identificada a questão cultural e suas consequências, é possível alterá-la? Como explicado anteriormente, a dinâmica de uma cultura se assemelha à de uma placa tectônica: invisível, lenta e tectônica. Alterações em valores e prioridades são normalmente verificadas em longos intervalos de tempos, como décadas. (HOFSTEDE; HOFSTEDE, 2001). Existem maneiras de se expor uma cultura à fatores que rompem com a ordem vigente surtindo efeitos nos seus valores.

O trabalho de Schwartz e Bardi (1997) aborda um aspecto mutável da cultura diretamente ligado à economia: o quanto a experiência de vida de pessoas vivendo sob regimes comunistas no leste europeu alterou seus valores básicos. Isto pode ocorrer através de duas maneiras: a doutrinação direta das pessoas à ideologia comunista ou a adaptação às circunstâncias de vida criadas pela organização comunista. Apesar de mais de quatro décadas de educação comunista, a inculcação de seus valores não foi bem sucedida³.

³ Para mais trabalhos sobre a influência do regime comunista em doutrinação de valores, ver Avis (1990), Barghoorn e Remington (1986), Lovenduski e Woodall (1987) e Roskin (1991).

Trabalhos apontam que foi a segunda hipótese que se demonstrou mais influente nos valores da população do leste europeu Almagor (1994) e Kohn e Schooler (1983). Um novo regime altera a estrutura de vida dos habitantes do país, e as mudanças nos valores da população são traduzidas de duas formas: aclimação e compensação. Deste estudo de Schwartz pode-se atestar que a formação de valores é um processo adaptativo, e que alterações também derivam de mudanças na estrutura da sociedade e não na doutrinação na educação. O trabalho conclui que os regimes comunistas alteraram gradualmente os valores dos seus cidadãos por meio da adaptação ao novo sistema que eles se encontravam inseridos pois só quando as oportunidades e recompensas das pessoas mudam é que se pode esperar que elas mudem.

Diferentemente de uma mudança tão profunda e duradoura quanto o comunismo foi na Europa, uma cultura pode ser alterada por efeito de um acontecimento singular. Assim como eventos individuais marcantes podem alterar os valores de uma pessoa, uma experiência traumática coletiva pode alterar os valores de uma sociedade em um período curto de tempo. Raviv et al. (1998) estudaram o a reações de estudantes israelenses imediatamente após e cinco meses depois do assassinato do primeiro ministro Yitzhak Rabin em 1995. Eles verificaram uma preocupação maior com a segurança da nação e a sua pessoal, especialmente daqueles fisicamente próximos do acontecimento. Porém, uma das conclusões do trabalho é que estas mudanças de valores não se sustentaram no longo prazo. Apesar de alguns valores enraizados nos jovens terem se manifestado mais veementemente imediatamente após o assassinato, com o passar do tempo a intensidade com que estes eram priorizados amainava. O efeito de um choque oriundo de uma experiência única não apresentou sustentabilidade com o passar do tempo.

Corroborando a hipótese de que traumas coletivos derivados de eventos únicos não sustentam mudanças permanentes na estrutura de valores de uma cultura, o trabalho de Verkasalo, Goodwin e Bezmenova (2006) analisou o efeito dos ataques terroristas em 11 de Setembro de 2001 nos valores de estudantes finlandeses. O autor utilizou as dimensões de valores como explicadas por Sagiv e Schwartz (1995) e Schwartz (1992). Estudos utilizados por Verkasalo apontam que transições políticas (SCHWARTZ; BARDI; BIANCHI, 2000; INGLEHART, 1997) e traumas coletivos (VERTZBERGER, 1997) são mais marcantes para o público jovem, sendo que assim sua amostra era composta por estudantes, de ensino médio e universidades. Dentre os valores coletados em 12/09/01, os relacionados a segurança foram significativamente maiores enquanto os relacionados a estímulos verificaram-se inferiores.

Além destas duas coletas, outras duas foram realizadas em datas subsequentes ao ataque e estas mostraram os valores lentamente amenizando de volta aos valores originais.

Destes estudos, emergiu uma questão inevitável: seriam identificáveis padrões de cultura de acordo com o desenvolvimento econômico de uma nação? O intuito não é buscar uma relação de causa e efeito dado a inevitável endogeneidade que disto surgiria, mas utilizar as dimensões culturais do Prof. Hofstede e dados do desenvolvimento das nações para comparar as informações. Isto será realizado na seção 4.⁴

2.6 QUAL A RELEVÂNCIA DA CULTURA NO BRASIL?

Uma pesquisa organizada no Brasil pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento buscou responder a pergunta: o que precisa mudar no Brasil para a sua vida melhorar de verdade? Esta campanha, chamada de Brasil Ponto a Ponto escolheu o tema do Relatório de Desenvolvimento Humano de 2009/2010, doravante chamado de RDH. Este trabalho realizou uma consulta pública de tamanho sem antecedentes na história do país. A campanha procurou alcançar os brasileiros de todos os níveis de renda, em todos locais do país, chegando a se deslocar às dez cidades brasileiras com o Índice de Desenvolvimento Humano mais baixo do país e realizando audiências públicas em sete cidades. Ao todo, mais de 500 mil pessoas foram consultadas. Após uma análise de todas as diversas vozes ouvidas pela pesquisa, concluiu-se que um problema se destacava: valores. (PNUD, 2010). Como o próprio relatório defende

A mensagem central dessa discussão é objetiva: precisamos de valores humanos, valores de vida e valores públicos para a promoção do desenvolvimento humano. Precisamos de valor para ter paz nas nossas casas, na rua e ter uma esperança de futuro por meio de uma educação de qualidade. (PNUD, 2010, p.85).

Especificamente para o caso brasileiro, Tamayo e Schwartz (2012, p.330) buscaram verificar a importância dada por uma amostra composta por professores e estudantes universitários a certos valores. Os autores procuraram entender

[...] De onde provém a força dos valores que levam o indivíduo a procurar, frequentemente durante toda a vida, a consecução de metas que podem implicar, às vezes, até na inibição parcial de necessidades biológicas ou psicológicas?[...].

⁴ Para mais estudos que possuem como foco valores e cultura, ver Hills (2002).

Ou seja, o quanto os valores motivariam os brasileiros a atingir seus objetivos. Dentre estes, foram testados quatro valores considerados tipicamente brasileiros: sonho, esperteza, vaidade e trabalho. O resultado do estudo trouxe considerações valiosas para como o brasileiro compreende o mundo à sua volta. Foi atestado que a noção brasileira de sonho assemelha-se à de evitar frustrações ou minimizar o impacto destas. Para esperteza, identificou-se que o brasileiro aproximou-se da motivação de sucesso pessoal através de uma demonstração de competência⁵. Vaidade foi um valor mais presente dentre os professores mais próximos da região de poder como mostrado por Schwartz na seção 2.3, enquanto os estudantes se identificaram mais com noções de conformidade e segurança. O valor trabalho se comunicou com a área da benevolência, tratando-se da busca do bem-estar das pessoas próximas. Isto indica que o brasileiro valoriza o trabalho não apenas no retorno pessoal que ele propõe mas também no âmbito social.

Para o trabalho realizado pela ONU anteriormente citado, também foi realizada uma tentativa de mensuração de valores dos brasileiros. Foi utilizada a metodologia de Schwartz, a *Schwartz Value Survey (SVS)*, e o *Portrait Value Questionnaire (PVQ)*, pois estas estão entre as principais pesquisas da área. Os dois métodos mais comuns para a definição de prioridades são ordenamento e avaliação. O primeiro funciona por meio de um ranking, em que o entrevistado classifica uma gama de valores de acordo com a importância que ele dá a estes. Em contrapartida, ele apresenta limitações, quando por exemplo a quantidade de valores a serem avaliados for muito grande e diversa e também por forçar o entrevistado a ordenar suas prioridades, gerando classificações arbitrárias. O método de avaliação por sua vez, faz com que o entrevistado julgue cada valor individualmente, atribuindo um grau de importância a cada um sem enfatizar a comparação entre eles. (MARTÍNEZ, 2006). Sua limitação é a menor comparabilidade entre valores, que ao serem avaliados individualmente podem ser menos diferenciados entre si pelo entrevistado. O questionário PVQ é uma versão mais simplificada do questionário do Professor Schwartz, além de ser mais enxuto possui um vocabulário mais acessível.

O trabalho exemplifica trabalhos que aplicaram a metodologia do Professor Schwartz para o Brasil, em que principalmente utilizou-se como amostra estudantes universitários. Estes focaram em várias linhas de pensamento, correlacionando valores com violência, educação, meio ambiente e trabalho. Esta linha de pesquisa começou como “estudos empíricos verificatórios de hipóteses teóricas”, mas se desenvolveram a ponto de criar novas

⁵ Obter êxito através de uma demonstração pessoal de competência pode ser conectado com a dimensão Masculinidade de Hofstede. Os resultados de cada nação para este indicador estão na subseção Amostragem.

áreas de interesse. Com o aprofundamento deste estudo, divergências surgiram e permaneceram sem atingir um consenso entre os pesquisadores. Porém o RDH de 2009/10 se propõe a agregar a este debate realizando uma pesquisa maior e mais completa, sem limitações amostrais referentes à área ou grupos sociais.

O PNUD então se propôs a realizar um estudo sobre o Perfil dos Valores Brasileiros, chegando a entrar em contato com o Professor Schwartz. Ele indicou que se realizasse o questionário PVQ com 21 perguntas, mais acessível para a parcela com menor educação do país. Além disso, este produz um resultado melhor para amostras nacionais, tendo sido utilizado no México, na França e na Alemanha. O estudo baseou-se na teoria de valores de Schwartz, que propõe uma estrutura multidimensional e bipolar, contrapondo valores entre si, como revista anteriormente neste trabalho. No interior destas dimensões, encontra-se um conjunto de dez valores que possuem entre si relações de complementaridade e oposição, segundo a abordagem do Professor Schwartz. A pesquisa do RDH buscou classificar os brasileiros em cada uma destas dimensões, em uma escala de 1 a 10. Os resultados são comparados com os valores encontrados na pesquisa do Professor Hofstede na seção 3.3.

Os resultados evidenciaram que os brasileiros possuem valores orientados pela autotranscendência, que teve um escore de 8,6. Isso quer dizer que eles priorizam o “[...] grupo (ou dimensões) de valores que vai além do interesse que os indivíduos possam ter com si mesmos [...]”. (PNUD, 2010, p.129) O próprio brasileiro se vê como preocupado com o próximo. Em contrapartida, a autopromoção foi o valor menos apreciado pelos brasileiros, com um escore de 6,3. No polo Conservação *versus* Abertura à Mudança, os resultados mostram que o Brasil é mais tradicional do que desapegado ao passado, com o primeiro tendo um escore de 7,6 e o segundo de 7,4.

Dentre os resultados encontrados pelo RDH, alguns destacam o perfil do brasileiro. Para apresentá-los, pode-se dividir os tipos de valores pelos pólos Autotranscendência *versus* Autopromoção ou Conservação *versus* Abertura à Mudança.

Para a primeira dimensão, Benevolência, que é o interesse com o bem-estar das pessoas próximas com quem se tem contato frequente, avaliou-se um escore 8,8. Isto mostra o apreço por valores como honestidade, ajuda e amizade.

Outro tipo motivacional cujo resultado destacou-se foi o Universalismo, que semelhante à Benevolência, preocupa-se com o próximo mas em um âmbito mais distante do cotidiano, não necessariamente com uma pessoa próxima mas com a Humanidade em si, e também com o meio ambiente. Neste quesito, o Brasil apresentou um valor de 8,5.

Para a dimensão Poder, responsável por avaliar o quão priorizado é exercer domínio sobre os outros e preocupação com o status social, o Brasil obteve uma nota de 5,3. Isso significa uma menor relevância de valores como riqueza, direito de comandar e preservação da imagem pública.⁶

Para a dimensão Realização, que avalia o sucesso pessoal segundo critérios sociais, os brasileiros obtiveram uma nota de 7,2. Isso quer dizer que se valoriza obter sucesso mediante demonstração de sua competência, bem como características como ambição e inteligência.

Segurança destacou-se ao apresentar um escore de 8,3. Este tipo motivacional valoriza a estabilidade e a harmonia entre na sociedade e em relações interpessoais. Pode-se interpretar que o brasileiro valoriza a integridade da família, a saúde e a limpeza. Em contrapartida, a Conformidade, dimensão que inclui o seguimento a normas sociais e expectativas, obteve uma nota de 6,5, mostrando a falta de apreço que o brasileiro tem pela obediência a regras e normas sociais de comportamento.

O Hedonismo aparece com uma nota de 7,8, configurando um apreço do brasileiro pelos prazeres sensíveis e pelo desfrutar da vida.

A dimensão da Autodeterminação, que prega valores de independência e liberdade, obteve um escore de 7,4. Essa valorização indica respeito à criatividade e liberdade para tomar decisões.

Já a dimensão Estimulação apresenta um escore de 6,1, o que significa que o brasileiro atribui uma menor relevância a atividades variadas para a sua vida.

Esta subseção permite avaliar a relevância e o estado da cultura e dos valores do Brasil para um período atual. Nota-se que o brasileiro que valores individuais de autopromoção são menos valorizados no país, enquanto a preocupação com o próximo e o senso de coletivismo são vistos como louváveis. Apesar das proporções continentais que o país possui, o próprio PNUD defende que não há diferença significativa de valores entre as diversas regiões do país.

⁶ Este resultado está alinhado com o encontrado em Schwartz e Bardi (2001).

3 METODOLOGIA E AMOSTRAGEM

Existem várias maneiras de comparar o desenvolvimento entre países: renda, expectativa de vida, produto interno bruto, educação e outros. No presente trabalho foram organizados dados socioeconômicos semelhantes a estes com o objetivo de correlacioná-los com indicadores culturais coletados na pesquisa do Prof. Hofstede. Nesta seção são abordados os raciocínios por trás da feitura de cada indicador utilizado bem como o processo de coleta. Por fim, explica-se o método econométrico empregado.

3.1 AS DIMENSÕES DE HOFSTEDE

Como explicado na seção de Revisão Bibliográfica, o trabalho do professor Hofstede existe desde a década de 70. Este organiza os resultados de mais de 70 países em seis dimensões culturais, distinguindo preferências independentes de cada nação. Este trabalho utilizou os dados de 57 países, por motivos que serão abordados na seção 3.3. Como todos os resultados são relativos e dentro de uma escala de 0 a 100, a pesquisa se diferencia pela sua comparabilidade. As seis dimensões utilizadas na última publicação de seu estudo são:

- 1) Distância de Poder: esta dimensão lida com o fato de que nem todos indivíduos em uma sociedade são iguais, expressando a atitude da cultura em relação a essas desigualdades;
- 2) Individualismo: aborda o grau de interdependência que uma sociedade possui entre seus membros, se eles pensam em si e em sua família ou na comunidade como um todo;
- 3) Masculinidade: o índice defende que uma sociedade mais masculina é movida por resultados, enquanto uma mais feminina se preocupa com qualidade de vida e cuidados ao próximo;
- 4) Evitando Incertezas: como a cultura daquele país lida com o fato de que o futuro não é certo. A ambiguidade entre controlar o futuro ou simplesmente deixa-lo acontecer e o quanto isso deixa os membros da comunidade ansiosos ou sentindo-se ameaçados;
- 5) Orientação de Longo Prazo: este índice aborda como a sociedade mantém seus links com o próprio passado enquanto lida com os problemas do presente e futuro;
- 6) Indulgência: esta dimensão lida com o quanto as pessoas tentam controlar seus impulsos e desejos, de acordo como elas foram educadas, podendo caracterizar-se uma cultura indulgente ou restritiva.

A primeira coleta de dados ocorreu entre 1967 e 1973, e as novas rodadas de coleta desde então indicaram que as pontuações dos países permaneceram relativamente estáveis até hoje. Para este trabalho foram utilizados os dados disponíveis no site do professor Hofstede.

Inicialmente a pesquisa abordava apenas as quatro primeiras variáveis, porém em versões subsequentes do trabalho do professor Hofstede, as últimas duas foram adicionadas. Em 1991, baseada na pesquisa de Michael Harris Bond (HOFSTEDE; BOND; LUK, 1993), a dimensão Orientação de Longo Prazo foi adicionada, sendo aplicada para 23 países. Na edição de 2010 de *Consequências da Cultura*, a pesquisa realizada por Minkov (2009) foi incluída, expandindo a quinta dimensão e criando uma sexta, Indulgência. Desde 2011, o trabalho de Geert Hofstede é publicado com estas seis dimensões. Como as amostras das quatro primeiras variáveis foram coletadas em momentos distintos das últimas duas, nem todos os países pesquisados possuem todas as variáveis. Para a presente pesquisa, só foram incluídos os países que possuem dados para todas as dimensões.

3.2 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

O Índice de Desenvolvimento Humano é um indicador que correlaciona dados mundiais de três dimensões: saúde, educação e renda. Desde 2010 ele é calculado como média geométrica de três índices: o Índice de Expectativa de Vida ao Nascer, o Índice de Educação e o Índice de Renda, como indicado pela equação 3.1. Os cálculos dos três índices utilizados pelo IDH, Índice de Expectativa de Vida, de Educação e de Renda, estão explicitados nas equações 3.2, 3.3 e 3.6, respectivamente.

$$IDH = \sqrt[3]{IEV \times IE \times IR} \quad (3.1)$$

Onde:

$IEV = \text{Índice de Expectativa de Vida.}$

$IE = \text{Índice de Educação.}$

$IR = \text{Índice de Renda.}$

1) Índice de Expectativa de Vida ao Nascer(EV):

$$IEV = \frac{EV - 20}{85 - 20} \quad (3.2)$$

Onde:

$EV =$ a expectativa de vida ao nascer.

$85 =$ um valor máximo de expectativa de vida ao nascer utilizado como parâmetro.

2) Índice de Educação(EI):

$$IE = \frac{IAME + IAEE}{2} \quad (3.3)$$

Onde:

IAME = índice de anos médios de escolaridade.

IAEE = índice de anos esperados de escolaridade.

Os índices de anos médios de escolaridade e anos esperados de escolaridade estão representados pelas equações 3.4 e 3.5:

$$IAME = \frac{AME}{13,2} \quad (3.4)$$

Onde:

AME = anos médios de escolaridade do país;

13,2 = valor máximo de escolaridade média utilizado como parâmetro.

$$IAEE = \frac{AEE}{20,6} \quad (3.5)$$

Onde:

AEE = anos esperados de escolaridade do país.

20,6 = valor máximo de escolaridade esperada utilizado como parâmetro.

3) Índice de Renda(IR):

$$\frac{\log(\text{Rendapc}) - \log(163)}{\log(108,211) - \log(163)} \quad (3.6)$$

Onde:

Log (Rendapc) = a renda per capita daquele país.

Log (163) = valor balizador de renda para cálculo do índice.

log (108,211) = valor balizador de renda para cálculo do índice.

Desse modo, o IDH leva em consideração a expectativa de vida ao nascer, a escolaridade média e a quantidade de anos esperada de estudos e renda nacional per capita. Os dados mundiais são publicados anualmente pela Organização das Nações Unidas, e a presente pesquisa utiliza os dados publicados em 2015, referentes ao ano de 2014.

3.3 AMOSTRAGEM

Nesta seção aborda-se os dados utilizados para a regressão explicada no capítulo 4. São expostas a coleta de dados da pesquisa do Professor Hofstede bem como do Índice de Desenvolvimento Humano da ONU.

3.3.1 Valores da Pesquisa de Geert Hofstede

O trabalho original do Professor Hofstede compreende mais de 70 países, porém a amostra aqui utilizada é composta por 57 países pois são aqueles que possuem dados para todas as suas dimensões. Na Tabela 1 estão apresentados os dados dos seis indicadores da pesquisa de Geert Hofstede, e sua ordenação se dá do país com o maior IDH (Noruega) até o menor (Paquistão) da amostra.

Tabela 1 - As Seis Dimensões de Geert Hofstede

| País | Distância de Poder | Individualismo | Masculinidade | Evitar Incertezas | Tradicional | Indulgência |
|---------------------------|--------------------|----------------|---------------|-------------------|-------------|-------------|
| Noruega | 31 | 69 | 8 | 50 | 35 | 55 |
| Austrália | 36 | 90 | 61 | 51 | 21 | 71 |
| Suíça | 34 | 68 | 70 | 58 | 74 | 66 |
| Dinamarca | 18 | 74 | 16 | 23 | 35 | 70 |
| Holanda | 38 | 80 | 14 | 53 | 67 | 68 |
| Alemanha | 35 | 67 | 66 | 65 | 83 | 40 |
| Irlanda | 28 | 70 | 68 | 35 | 24 | 65 |
| Estados Unidos da América | 40 | 91 | 62 | 46 | 26 | 68 |
| Nova Zelândia | 22 | 79 | 58 | 49 | 33 | 75 |
| Canadá | 39 | 80 | 52 | 48 | 36 | 68 |
| Cingapura | 74 | 20 | 48 | 8 | 72 | 46 |
| Hong Kong | 68 | 25 | 57 | 29 | 61 | 17 |
| Suécia | 31 | 71 | 5 | 29 | 53 | 78 |
| Coréia do Sul | 60 | 18 | 39 | 85 | 100 | 29 |
| Luxemburgo | 40 | 60 | 50 | 70 | 64 | 56 |
| Japão | 54 | 46 | 95 | 92 | 88 | 42 |
| Bélgica | 65 | 75 | 54 | 94 | 82 | 57 |
| França | 68 | 71 | 43 | 86 | 63 | 48 |
| Áustria | 11 | 55 | 79 | 70 | 60 | 63 |
| Finlândia | 33 | 63 | 26 | 59 | 38 | 57 |
| Eslovênia | 71 | 27 | 19 | 88 | 49 | 48 |
| Espanha | 57 | 51 | 42 | 86 | 48 | 44 |
| Itália | 50 | 76 | 70 | 75 | 61 | 30 |

| País | Distância de | | | Evitar | | |
|-------------------|--------------|----------------|---------------|------------|-------------|-------------|
| | Poder | Individualismo | Masculinidade | Incertezas | Tradicional | Indulgência |
| República Tcheca | 57 | 58 | 57 | 74 | 70 | 29 |
| Grécia | 60 | 35 | 57 | 100 | 45 | 50 |
| Estônia | 40 | 60 | 30 | 60 | 82 | 16 |
| Eslováquia | 100 | 52 | 100 | 51 | 77 | 28 |
| Polônia | 68 | 60 | 64 | 93 | 38 | 29 |
| Lituânia | 42 | 60 | 19 | 65 | 82 | 16 |
| Malta | 56 | 59 | 47 | 96 | 47 | 66 |
| Argentina | 49 | 46 | 56 | 86 | 20 | 62 |
| Portugal | 63 | 27 | 31 | 100 | 28 | 33 |
| Hungria | 46 | 80 | 88 | 82 | 58 | 31 |
| Letônia | 44 | 70 | 9 | 63 | 69 | 13 |
| Croácia | 73 | 33 | 40 | 80 | 58 | 33 |
| Rússia | 93 | 39 | 36 | 95 | 81 | 20 |
| Romênia | 90 | 30 | 42 | 90 | 52 | 20 |
| Uruguai | 61 | 36 | 38 | 100 | 26 | 53 |
| Bulgária | 70 | 30 | 40 | 85 | 69 | 16 |
| Malásia | 100 | 26 | 50 | 36 | 41 | 57 |
| Trinidad e Tobago | 47 | 16 | 58 | 55 | 13 | 80 |
| Sérvia | 86 | 25 | 43 | 92 | 52 | 28 |
| Venezuela | 81 | 12 | 73 | 76 | 16 | 100 |
| Turquia | 66 | 37 | 45 | 85 | 46 | 49 |
| México | 81 | 30 | 69 | 82 | 24 | 97 |
| Brasil | 69 | 38 | 49 | 76 | 44 | 59 |
| China | 80 | 20 | 66 | 30 | 87 | 24 |
| Tailândia | 64 | 20 | 34 | 64 | 32 | 45 |
| Colômbia | 67 | 13 | 64 | 80 | 13 | 83 |
| Indonésia | 78 | 14 | 46 | 48 | 62 | 38 |
| Filipinas | 94 | 32 | 64 | 44 | 27 | 42 |
| El Salvador | 66 | 19 | 40 | 94 | 20 | 89 |
| Vietnã | 70 | 20 | 40 | 30 | 57 | 35 |
| Marrocos | 70 | 46 | 53 | 68 | 14 | 25 |
| Índia | 77 | 48 | 56 | 40 | 51 | 26 |
| Bangladesh | 80 | 20 | 55 | 60 | 47 | 20 |
| Paquistão | 55 | 14 | 50 | 70 | 50 | 0 |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016 com base em Geert-Hofstede, 2016b.

O valor médio da variável Distância de Poder foi de 58,7, sendo o maior valor 100 para Malásia e Eslováquia, enquanto o menor foi o da Áustria, que marcou 11. Isto configura uma amplitude de 89 para as observações desta variável, com desvio padrão de 21,03. A mediana foi de 61, dado do Uruguai.

Para a variável Individualismo, o valor médio verificado foi de 46,51, sendo 91 o valor mais alto, encontrado para os Estados Unidos, e 12 o mais baixo, pertencente à Venezuela. A variância entre o máximo e o mínimo foi de 79, com um desvio padrão de 23,17. Sua mediana de 46 foi similar à média, verificada para os países de Argentina, Japão e Marrocos.

A variável Masculinidade possui um escore médio de 49,32 e um desvio padrão de 20,33. A amplitude dos dados foi de 95, possuindo um máximo de 100, verificado para a Eslováquia, e um mínimo de 5, encontrado para a Suécia. A mediana foi 50, valor de Luxemburgo, Malásia e Paquistão.

A variável Evasão de Incertezas possui média de 66,65 com um desvio padrão de 22,98. O valor máximo de 100, para Grécia, Portugal e Uruguai, e o valor mínimo de 8, para Cingapura, configuram uma amplitude de 92 para a variável. A mediana foi de 70, valor de Áustria, Luxemburgo e Paquistão.

Orientação de Longo Prazo apresenta uma média de 50,36, com desvio padrão de 22,27. Possui uma mediana de 50, valor do Paquistão. O valor máximo é o de 100 da Coreia do Sul, enquanto o mínimo de 13 é compartilhado por Colômbia e Trinidad e Tobago, configurando uma variância de 87 para os dados.

A variável Indulgência possui média de 46,91, um desvio padrão de 22,96 e uma mediana de 46, valor de Cingapura. O valor máximo de 100 corresponde ao valor da Venezuela, enquanto o mínimo verificado é o paquistanês, único 0 da amostra, o que configura uma amplitude de 100 para esta variável.

Como todas as variáveis coexistem dentro da escala de 0 a 100, não foram realizados processos de adequação de valores como winsorização para observações que possam ser considerados outliers.

Para a amostra do Prof. Hofstede utilizada no presente trabalho, o Brasil se encontra no quarto inferior de desenvolvimento humano. Porém, para o IDH, o país é considerado com Desenvolvimento Humano alto, pois seu escore foi de 0,755. Os países com o índice compreendido entre 0,700 e 0,800 são denominados com nível de IDH alto. Para a pesquisa divulgada em 2015, referente a realidade de 2014, o Brasil se encontra na 75^o posição do ranking do IDH, tendo caído uma posição em relação ao ano anterior mas expandindo variando positivamente sua pontuação em 0,003 pontos. Segue a descrição do professor para cada dimensão brasileira de acordo com seus livros e site.

Ele possui um valor considerado alto para a dimensão Distância de Poder, o que significa que o brasileiro possui um respeito por hierarquias e aceitação pela desigualdade

entre a população. Como exemplos, podemos citar o a divisão vertical de responsabilidades em empresas e o respeito pelos mais velhos. Comparando com os resultados obtidos pela pesquisa do PNUD para o Brasil, o valor menos priorizado pelos entrevistados foi Poder, que é o quanto se prioriza exercer poder sobre os outros. Isto configura uma menor relevância para valores como o direito de comandar e preservação da imagem pública. Ambas pesquisas concordam que o brasileiro não valoriza decidir e impor suas visões sobre os outros, mas aceita as diferenças hierárquicas na sociedade.

Para Individualismo em contrapartida, o escore foi considerado baixo: 38. Isso indica uma sociedade considerada coletivista, em que desde o nascimento a pessoa se integra não apenas com sua família direta mas também com avós, tios e primos. O valor encontrado para esse indicador é sinônimo de apreço por boas relações interpessoais, lealdade e cortesia. Quanto mais baixo o escore, maior a probabilidade de uma pessoa daquela cultura ser solícita a ajudar alguém não tão próximo a ela. Esse resultado está alinhado com o verificado pelo RDH, que indicou que o brasileiro prioriza valores de autotranscendência do que a preocupação com si próprios. Pode-se afirmar que o brasileiro não só se preocupa com o próximo e possui um senso de coletivismo acima do normal, como ele é consciente disto. Além disso, dentre os valores avaliados pelo PNUD, o mais priorizado foi Benevolência, que é a preocupação com o bem-estar de pessoas próximas. Em um intuito similar à Benevolência, o Universalismo foi o segundo valor que os brasileiros mais priorizaram na pesquisa. Este preocupa-se com as pessoas não necessariamente próximas, mas com a Humanidade e com o meio ambiente. Este comportamento também está em linha com os resultados coletivistas verificados pelo Professor Hofstede.

Para a Masculinidade, o escore brasileiro foi de 49. Isto é considerado médio pelo professor Hofstede, não se destacando dos demais países. Pode-se concluir que há um equilíbrio entre a valorização da qualidade de vida e o interesse em se destacar no seu meio por parte dos brasileiros.

Na dimensão Evasão de Incertezas, o Brasil pontuou 76. Pontuar alto neste indicador é comum para países latino americanos. Isso significa que a sociedade possui uma grande necessidade por regras e sistema legais elaboradas para estruturar-se. Para o brasileiro, pode-se dizer que burocracia, leis e regras são importantes para tornar o mundo um lugar mais seguro para se viver. Segundo Hofstede, países com um escore alto nesta dimensão são propensos a momentos de lazer na sua rotina, sendo emotivos nas suas escolhas e até em suas linguagens corporais. Há uma contradição com o que foi verificado no RDH, mais

especificamente para variável Conformidade. Para esta, o Brasil possui um escore baixo, o que significa uma falta de obediência às regras e normas sociais de comportamento.

Para a dimensão Orientação de Longo Prazo, os brasileiros possuem um escore de 44, intermediário com tendências ao conservadorismo e ao tradicionalismo. Este valor está em linha com o encontrado na pesquisa do PNUD, em que o valor de Conservação foi ligeiramente superior ao de Abertura à Mudança. Além disso, a mesma pesquisa verificou uma priorização por parte do brasileiro para o valor Tradição, também em linha com o que o professor Hofstede verificou.

Em Indulgência, o resultado verificado foi de 59 para o Brasil. Isso significa que a população reprime pouco seus desejos de lazer se comparada a outros países. Isto significa que se prioriza o tempo livre com atividades prazerosas bem como caracteriza uma população otimista. Este resultado está em linha com a valorização do Hedonismo conforme foi verificado pelo RDH. Este valor prioriza os prazeres sensíveis e o desfrutar da vida, e seu alto escore está em linha com o verificado pelo estudo do Professor Hofstede.

Nenhum dos indicadores o Brasil possui um valor radicalmente distante da média mundial, com o escore mais distante de 50 sendo o 76 de Evasão de Incertezas.

3.3.2 Valores do Índice de Desenvolvimento Humano

A amostra do Índice de Desenvolvimento Humano publicada em 2015, que corresponde aos valores de 2014, é composta por 188 países. Para compor a variável dependente IDH, foram utilizados apenas os países que possuíam as seis dimensões de Hofstede completas. Nenhum dos 57 filtrados na seção 3.3.1 não possuía os dados de IDH. A tabela 2 apresenta a amostra utilizada.

Tabela 2 - Índice de Desenvolvimento Humano dos Países da Amostra

| País | IDH | País | IDH |
|---------------------------|-------|-------------------|-------|
| Noruega | 0,944 | Malta | 0,839 |
| Austrália | 0,935 | Argentina | 0,836 |
| Suíça | 0,930 | Portugal | 0,830 |
| Dinamarca | 0,923 | Hungria | 0,828 |
| Holanda | 0,922 | Letônia | 0,819 |
| Alemanha | 0,916 | Croácia | 0,818 |
| Irlanda | 0,916 | Rússia | 0,798 |
| Estados Unidos da América | 0,915 | Romênia | 0,793 |
| Nova Zelândia | 0,913 | Uruguai | 0,793 |
| Canadá | 0,913 | Bulgária | 0,782 |
| Cingapura | 0,912 | Malásia | 0,779 |
| Hong Kong | 0,910 | Trinidad e Tobago | 0,772 |
| Suécia | 0,907 | Sérvia | 0,771 |
| Coréia do Sul | 0,898 | Venezuela | 0,762 |
| Luxemburgo | 0,892 | Turquia | 0,761 |
| Japão | 0,891 | México | 0,756 |
| Bélgica | 0,890 | Brasil | 0,755 |
| França | 0,888 | China | 0,727 |
| Áustria | 0,885 | Tailândia | 0,726 |
| Finlândia | 0,883 | Colômbia | 0,720 |
| Eslovênia | 0,880 | Indonésia | 0,684 |
| Espanha | 0,876 | Filipinas | 0,668 |
| Itália | 0,873 | El Salvador | 0,666 |
| República Tcheca | 0,870 | Vietnã | 0,666 |
| Grécia | 0,865 | Marrocos | 0,628 |
| Estônia | 0,861 | Índia | 0,609 |
| Eslováquia | 0,844 | Bangladesh | 0,570 |
| Polônia | 0,843 | Paquistão | 0,538 |
| Lituânia | 0,839 | | |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016 com base em UNDP, 2015.

A pesquisa divulgada em 2015 do IDH, referente aos dados de 2014, compreende 188 países. Destes, coincidem 57 com as variáveis completas de Hofstede. Dos remanescentes, o com o maior índice é a Noruega, que ocupa o primeiro lugar do índice com 0,944, e o menor índice é do Paquistão, que com 0,538 ocupa a posição de 147. Isto configura uma variância de 0,405 dos dados, com uma média de 0,818. O desvio padrão dos dados foi de 0,099 e a mediana de 0,839. Considerando que a escala utilizada pelo Prof. Hofstede compreende

valores de 1 a 100 enquanto o IDH utiliza valores de 0 a 1, os valores do último índice foram multiplicados por 100 para refinar a proporção para o método econométrico.

3.4 MÉTODO ECONOMÉTRICO

Uma vez compilados os dados, optou-se pela regressão dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Esta busca otimizar o grau de ajuste do modelo ao minimizar a soma das diferenças entre as observações e a linha de tendência, elevados ao quadrado. Ela permite a inclusão de mais de uma variável explicativa, o que é necessário no presente trabalho que utiliza seis variáveis independentes. O objetivo é explicar a variável dependente, neste caso o IDH, pelas variáveis independentes, neste caso as seis dimensões de Hofstede.

Para o modelo ser válido, algumas suposições precisam ser atendidas. O fator erro deve possuir distribuição aleatória, isto variância constante (configurando homoscedasticidade). Dada a realização de uma regressão múltipla, é necessário que não haja uma correlação entre os indicadores e o erro para que o modelo escolhido seja válido. Pela revisão literária empreendida sobre o tema, não foi verificada qualquer relação com o fator erro de modo que invalide a proposta de Todos os exercícios econométricos foram realizados no programa *Gretl*.

Para todos modelos que utilizam o MQO, é necessário avaliar quais variáveis independentes são significativas para a variável explicada. No estudo atual, também há de se avaliar o coeficiente das variáveis explicativas, buscando se o impacto de cada uma das variáveis de Hofstede é positivo ou negativo para o IDH. Pela revisão bibliográfica realizada, não se pode concluir que exista qualquer tipo de correlação entre os indicadores escolhidos e o fator erro.

A literatura revisada para este trabalho apresenta pequena abrangência no que diz respeito à correlação de indicadores socioeconômicos com indicadores culturais. O próprio professor Hofstede indica que há uma correlação entre suas dimensões e alguns indicadores. Por exemplo, Distância de Poder se correlaciona positivamente com desigualdade de renda, Individualismo com PIB e Evasão de Incertezas com a necessidade legal de cidadãos de países desenvolvidos portarem documentos de identificação. Além destas correlações, Masculinidade se correlaciona negativamente com o quanto da Renda Nacional é gasto com segurança nacional e Orientação de Longo Prazo com os resultados em matemática escolar. Buscando agregar a esta discussão, realiza-se no presente trabalho um estudo econométrico de

correlação destas dimensões com o IDH justamente por este englobar fatores diversos pertencentes aos âmbitos de Educação, Saúde e Renda.

O trabalho de Gouveia e Ros (2000) serviu de influência para a associação estatística entre as variáveis aqui utilizadas, mas ele realiza um cálculo econométrico diverso do aqui empregado. Os autores correlacionaram os dados de duas variáveis da pesquisa de Schwartz e duas variáveis da pesquisa de Hofstede com diversas estatísticas socioeconômicas, utilizando informações de 20 países. Eles atestam que as variáveis que possuem maior correlação com as variáveis culturais são IDH, PIB, Taxa de Nascimento e Taxa de Mortalidade. Ciente da correlação já comprovada do IDH com algumas das variáveis de Hofstede, aprofundou-se esta análise para todas as variáveis e com a metodologia descrita anteriormente.

4 RESULTADOS

Utilizando a metodologia apresentada na seção anterior, rodou-se o primeiro modelo de Mínimos Quadrados Ordinários. Este utilizou o Índice de Desenvolvimento Humano como variável dependente e as seis dimensões de Hofstede como variáveis independentes. Foram coletadas 57 observações, todas com informações completas para cada uma das sete variáveis.

À primeira regressão, verificou-se que três das seis variáveis independentes não possuíam significância para regressão: Masculinidade, Evasão de Incertezas e Distância de Poder. Optou-se por rodar um novo modelo excluindo uma variável explicativa, aquela que possuía o maior p-valor (Evasão de Incertezas), ao invés de excluir todas que não apresentaram significância já no segundo modelo. Assim foi feito até que sobrassem apenas as variáveis significantes. O modelo final utilizado teve como variáveis independentes significantes: Individualismo, Orientação de Longo Prazo e Indulgência. Por fim, chegou-se a um quarto e definitivo modelo, apresentado na Figura 3.

Figura 3 - Modelo de MQO com as Variáveis Independentes com Significância

| | Coefficiente | Desvio Padrão | razão-t | p-valor |
|--------------------------------------|---------------------|---------------------------------|----------------|----------------|
| Constante | 53,0038 | 4,2609 | 12,44 | 2,39e-17 |
| Individualismo | 0,230512 | 0,0401 | 5,748 | 4,54e-07 |
| Orientação de Longo Prazo | 0,190039 | 0,4968 | 3,825 | 0,0003 |
| Indulgência | 0,181371 | 0,4855 | 0,3735 | 0,0005 |
| Valor Médio Var. Dep. | 81,8037 | DP da Var. Dep. | 9,8852 | |
| Soma do Quadrado dos Resíduos | 2378,142 | Erro Padrão da Regressão | 6,69855 | |
| R-quadrado | 0,565411 | R-quadrado ajustado | 0,54081 | |
| F(3, 53) | 22,98478 | P-value (F) | 1,15e-09 | |
| Log-likelihood | -187,2137 | Critério de Akaike | 382,427 | |
| Critério de Schwarz | 390,5995 | Hannan-Quinn | 385,603 | |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Como as três variáveis independentes possuem um p-valor inferior a 0,01, atesta-se as suas significâncias para a regressão a um nível de 1%.

Para atestar a validade do modelo, o primeiro passo a ser realizado é verificar o resultado do R-quadrado ajustado. Este responde por quanto da variável dependente é explicada pelas variáveis independentes. Para a modelagem escolhida, o valor encontrado foi de 54,08%, o que o autor considerou um resultado positivo uma vez que a dimensão cultural não é diretamente correlacionada ou incorporada na feitura do IDH, mas pelos resultados

obtidos junto com a revisão bibliográfica realizada pode-se dizer que existe uma conexão inexplorada profundamente entre ambos. A equação 4.1 mostra o ajuste do modelo.

$$\text{IDH} = 53,0038 + \beta_1 0,2305 \text{ Individualismo} \quad (4.1)$$

$$+ \beta_2 0,190039 \cdot \text{Orientação de Longo Prazo} + \beta_3 0,181371 \cdot \text{Indulgência} + \epsilon \quad (4.2)$$

Onde:

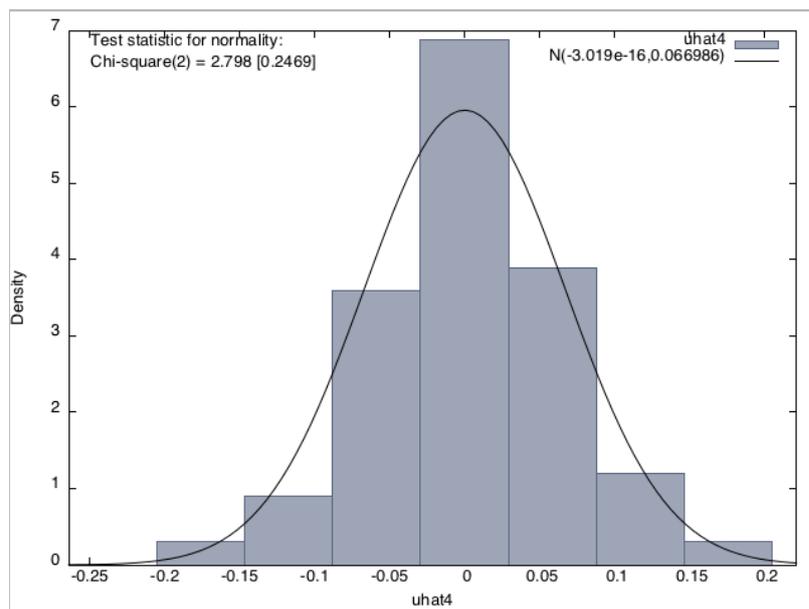
$\beta_1 = \text{Índice de Expectativa de Vida.}$

$\beta_2 = \text{Índice de Educação.}$

$\beta_3 = \text{Índice de Renda.}$

É possível concluir que as três variáveis independentes possuem influência positiva no modelo pois os seus três coeficientes são positivos. Ou seja, o acréscimo de uma unidade no indicador Individualismo acarretaria o aumento de 0,23 do IDH naquele país, 0,19 em Orientação de Longo Prazo e 0,18 em Indulgência. O modelo atesta que as três variáveis independentes possuem influência positiva no modelo, isto é, quanto maior for o índice de Individualismo, de Orientação de Longo Prazo e de Indulgência de um país, maior se espera que será seu IDH. Mas antes de analisar estes resultados, deve-se atestar que estes são válidos, isto é, é necessário observar o comportamento dos resíduos para afirmar se a escolha de modelo e as suposições deste estão corretas. O modelo deve prever erros acima e abaixo da equação encontrada com a mesma probabilidade, o que configura o gráfico residual em formato de sino encontrado na figura 4.

Figura 4 - Normalidade dos Resíduos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

O gráfico na figura 4 em forma de histograma mostra a frequência com que os erros estão distribuídos em torno da equação da regressão. Sobre a normalidade dos resíduos, verificou-se um p-valor de 0,2469, superior aos 5% exigidos para considerar a distribuição de dados normal. Outro fator importante a ser analisado é se cada erro é independente, ou seja, não é correlacionado com outro. Como cada observação refere-se a um país, isto não ocorre para esta amostra. Com esta análise, pode-se defender que o modelo é sustentável, e passa-se a analisar o resultado deste.

Figura 5 - Normalidade dos resíduos

```

Frequency distribution for uhat4, obs 1-59
number of bins = 7, mean = -3.01903e-16, sd = 0.0669855

```

| interval | midpt | frequency | rel. | cum. |
|-----------------------|-------------|-----------|--------|--------------|
| < -0.14674 | -0.17605 | 1 | 1.75% | 1.75% |
| -0.14674 - -0.088109 | -0.11742 | 3 | 5.26% | 7.02% * |
| -0.088109 - -0.029479 | -0.058794 | 12 | 21.05% | 28.07% ***** |
| -0.029479 - 0.029150 | -0.00016461 | 23 | 40.35% | 68.42% ***** |
| 0.029150 - 0.087779 | 0.058465 | 13 | 22.81% | 91.23% ***** |
| 0.087779 - 0.14641 | 0.11709 | 4 | 7.02% | 98.25% ** |
| >= 0.14641 | 0.17572 | 1 | 1.75% | 100.00% |

Missing observations = 2 (3.39%)

Test for null hypothesis of normal distribution:
Chi-square(2) = 2.798 with p-value 0.24690

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Entre as três dimensões do Professor Hofstede remanescentes, a com o menor p-valor foi Individualismo, e dentre os cinco países da amostra com o maior valor para esta variável, quatro estão entre os 10 países mais bem colocados no ranking de IDH mundial (Estados Unidos, Austrália, Holanda e Canadá). Esta foi a variável com o maior coeficiente(0,0023) isto é, o acréscimo de uma unidade no indicador Individualismo aumentaria o Índice de Desenvolvimento Humano mais do que o acréscimo de uma unidade nas outras duas dimensões de Hofstede. O próprio Professor Hofstede atesta que o Individualismo há uma correlação positiva entre Individualismo e desenvolvimento econômico. (HOFSTEDÉ, 1984). Dentre os cinco países com o menor índice de Individualismo, o melhor colocado no ranking mundial de IDH é Trinidad e Tobago, que está apenas em 65°, enquanto entre os 57 países da amostra, ocupa o 41° lugar. Algo semelhante ocorre para a variável Orientação de Longo Prazo. Dos países que registraram os cinco maiores valores para esta variável, quatro estão no

top30 mundial, sendo o outro China, que está em 90° no ranking de IDH. Olhando para os cinco piores colocados, a situação se assemelha com a da variável Individualismo, com novamente o país com o maior IDH sendo Trinidad e Tobago. Para a variável Indulgência, o esperado também seria que países com um maior IDH povoassem os maiores índices, porém não foi isto o verificado. Dentre os cinco primeiros colocados, nenhum possui um posto superior ao 65° de Trinidad e Tobago, sendo os demais Venezuela, México, El Salvador e Colômbia. Dentre os cinco países com o menor índice, possui-se uma heterogeneidade de perfis, já que o grupo é composto por Estônia, que está na metade superior de IDHs da amostra, mas também Paquistão, pior IDH coletado.

Uma das limitações do modelo é que caso os valores das variáveis independentes sejam iguais a 0, o valor mínimo do IDH (representado no modelo pela constante) é de 53,0038. Ou seja, em nenhuma configuração de valores para as variáveis explicativas pode-se entender a influência da cultura para países com escores inferiores a este valor. Isto ocorre pois na amostra do Prof. Hofstede que foi utilizada existem poucos países pesquisados com nível de IDH baixo.

Sabendo-se que as três variáveis significantes possuem uma relação positiva com o IDH, passa-se a abordar os valores para o Brasil. Analisando o caso brasileiro, sabe-se que o Brasil possui um nível de Individualismo baixo. Ser coletivista correlaciona-se negativamente com o nível de desenvolvimento humano do país, especialmente com o nível de renda. Para Orientação de Longo Prazo, o Brasil apresentou um resultado abaixo da média mundial. Por fim, para Indulgência o Brasil apresenta um valor acima da média, 59, o que é interpretado como correlacionado positivamente com o IDH. Apesar de nenhuma das dimensões de Hofstede verificadas significantes para o IDH o Brasil possuir um escore radicalmente distante da média mundial, todos estando a no máximo 12 pontos de distância da média, dois dos 3 indicadores o Brasil possui um escore inferior a 50, configurando uma influência negativa destes valores no desenvolvimento humano do país de acordo com o raciocínio e metodologia aqui empregados.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho se comprometeu em analisar a relação entre a cultura de uma nação e seu desenvolvimento socioeconômico. Apesar de a conexão dos valores de uma sociedade com a economia desta ser estudada desde Weber, apenas nas últimas décadas pesquisadores se propuseram a comparar estes dados entre nações. É inevitável concluir, seja pelos estudos revisados ou pela metodologia empregada neste trabalho, que há uma relevância da cultura para fatores socioeconômicos. O desafio desta área de pesquisa é determinar o quanto ela afeta uma nação e como otimizá-la em prol do desenvolvimento, pois não existe uma cultura correta. Mesmo que se verifique que uma certa característica esteja presente nos países mais desenvolvidos e colabore para o desenvolvimento econômico, não se pode dizer que esta é um fator essencial e indispensável para o êxito do desenvolvimento humano. Por exemplo, enquanto os Estados Unidos é um país desenvolvido ao mesmo tempo que é a nação mais individualista da pesquisa de Hofstede, a Coreia do Sul apresentou um desenvolvimento significativo na segunda metade do século XX e hoje é o 17º colocado no ranking de IDH, mesmo possuindo uma cultura pouco individualista.

Para entender melhor esta relação, deve-se superar uma das limitações encontradas neste trabalho, dentre elas a principal é a carência de pesquisas comparativas entre culturas nacionais. Esta é uma área de estudo que ainda está evoluindo, e quanto mais atenção atrair, mais dados coletará. O trabalho de Hofstede conta com apenas um país com IDH considerado baixo e sete países de desenvolvimento humano médio. Apesar de restringir a amostra, os resultados encontrados estavam em linha com os esperados.

Um dos grandes desafios desta metodologia é conseguir identificar relações de causa e efeito. Isto é, será que a Austrália é desenvolvida porque é individualista ou é individualista porque é desenvolvida? Com uma maior amplitude de dados e um estudo econométrico aprofundado, pode-se buscar um resultado mais específico que os apresentados aqui. Assim como no trabalho de Gouveia e Ros (2000), é possível ver como é difícil identificar correlações entre indicadores culturais e socioeconômicos. Resultados mais robustos surgirão quando esta área possuir mais dados para se trabalhar. Neste trabalho verificou-se a significância das variáveis Individualismo, Orientação de Longo Prazo e Indulgência, todas com influência positiva no desenvolvimento humano de um país. Isto é, por exemplo, quanto mais individualista uma nação for, maior a probabilidade de ela ser desenvolvida.

Em contrapartida, não existe fórmula para o sucesso. É importante notar que apesar das diferenças culturais serem verificadas em países de acordo com seus respectivos IDHs, é possível mudar a cultura de uma nação. Ou seja, caso uma nação não se sinta confortável com sua realidade econômica e deseje mudá-la, este trabalho defende que o primeiro passo a ser dado é atacar o núcleo do problema: os valores e a cultura do seu povo. Diferentemente do senso comum, doutrinação educacional não é a força catalisadora dessa mudança. São as regras de governança de um país bem como adaptando-se às circunstâncias de vida impostas pelo governo. Reitera-se que a cultura de uma nação serve tanto para assimilar os fatos a ela impostos como tipo motivacional de cada indivíduo que agrega sua parte à economia.

Conclui-se com uma já estabelecida analogia que a dinâmica cultural de uma nação assemelha-se a de uma placa tectônica: invisível, lenta e constante. Felizmente, se reconhecido um problema socioeconômico, com mais dados disponíveis (como a pesquisa do PNUD para o Brasil exemplarmente realizou) é possível alterar a raiz dos problemas, a cultura do país, em um cenário de longo prazo. Apesar da mudança não ser rápida, ela é duradoura e impactante na maneira em que a sociedade internaliza problemas e os soluciona, em conjunto.

REFERÊNCIAS

- ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. A. *Por que as nações fracassam*. [S.l.]: Elsevier Brasil, 2012.
- ALMAGOR, R. Value structure and importance in the kibbutz: Impacts of industrialization and occupational experience. *Unpublished doctoral dissertation, The Hebrew University, Jerusalem*, 1994.
- AVIS, G. The making of the soviet citizen. character formation and civic training in soviet education. 1990.
- BARBARANELLI, C. et al. Voters' personality traits in presidential elections. *Personality and Individual Differences*, Elsevier, v. 42, n. 7, p. 1199–1208, 2007.
- BARGHOORN, F. C.; REMINGTON, T. F. *Politics in the USSR*. [S.l.]: Little, Brown and Company, 1986.
- BOBBIO, N.; CAMERON, A. *Left and right: The significance of a political distinction*. [S.l.]: University of Chicago Press, 1996.
- BUSS, D. M. Can social science be anchored in evolutionary biology? four problems and a strategic solution. *Revue européenne des sciences sociales*, JSTOR, v. 24, n. 73, p. 41–50, 1986.
- CACIAGLI, M.; CORBETTA, P. *Le ragioni dell'elettore: perché ha vinto il centro-destra nelle elezioni italiane del 2001*. [S.l.]: Il mulino, 2002. v. 501.
- CAPRARA, G. V. et al. Personality and politics: Values, traits, and political choice. *Political psychology*, Wiley Online Library, v. 27, n. 1, p. 1–28, 2006.
- _____.; ZIMBARDO, P. G. Personalizing politics: a congruency model of political preference. *American Psychologist*, American Psychological Association, v. 59, n. 7, p. 581, 2004.
- COMIM, F.; AMARAL, P. V. The human values index: conceptual foundations and evidence from brazil. *Cambridge journal of economics*, CPES, v. 37, n. 6, p. 1221–1241, 2013.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. *Intrinsic motivation*. [S.l.]: Wiley Online Library, 1975.
- DESENVOLVIMENTO, P. das Nações Unidas Para o. *Relatório de Desenvolvimento*
- FELDMAN, S. Values, ideology, and the structure of political attitudes. Oxford University Press, 2003.
- GEERT-HOFSTEDE. *Country comparison*. 2016b. Disponível em: <<https://geert-hofstede.com/countries.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- _____. *What about Brazil?*. 2016a. Disponível em: <<https://geert-hofstede.com/brazil.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

GOUVEIA, V. V.; ROS, M. Hofstede and Schwartz's models for classifying individualism at the cultural level: their relation to macro-social and macro-economic variables. *Psicothema*, v. 12, n. Suplemento, p. 25–33, 2000.

HABERMAS, J. *The philosophical discourse of modernity: Twelve lectures*. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2015.

HILLS, M. D. Kluckhohn and Strodtbeck's values orientation theory. *Online readings in psychology and culture*, v. 4, n. 4, p. 3, 2002.

HOFSTEDE, G. *Culture's consequences: International differences in work-related values*. [S.l.]: Sage, 1984. v. 5.

_____; HOFSTEDE, G. *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations*. [S.l.]: Sage, 2001.

_____; BOND, M. H.; LUK, C.-I. Individual perceptions of organizational cultures: A methodological treatise on levels of analysis. *Organization Studies*, Sage Publications, v. 14, n. 4, p. 483–503, 1993.

INGLEHART, R. Cultural change in advanced industrial societies: postmaterialist values and their consequences. *International Review of Sociology*, Taylor & Francis, v. 2, n. 3, p. 77–99, 1988.

_____. *Modernization and postmodernization: Cultural, economic, and political change in 43 societies*. [S.l.]: Cambridge Univ Press, 1997. v. 19.

KLUCKHOHN, C. *Values and value-orientations in the theory of action: An exploration in definition and classification*. [S.l.: s.n.], 1951.

KOHN, M. L.; SCHOOLER, C. *Work and personality: An inquiry into the impact of social stratification*. [S.l.]: Ablex Pub, 1983.

LEIMGRUBER, P. Values and votes: the indirect effect of personal values on voting behavior. *Swiss Political Science Review*, Wiley Online Library, v. 17, n. 2, p. 107–127, 2011.

LOVENDUSKI, J.; WOODALL, J. *Politics and society in Eastern Europe*. [S.l.]: Macmillan Education, 1987.

MARTÍNEZ, J. J. V. Procedimentos de escala para a medição de valores. In: *Psicologia social dos valores humanos: Ps teóricos, metodológicos e aplicados*. [S.l.: s.n.], 2006. p. 151.

MCCRAE, R. R. Social consequences of experiential openness. *Psychological bulletin*, American Psychological Association, v. 120, n. 3, p. 323, 1996.

_____; COSTA, P. *Personality in Adulthood*. NY. [S.l.]: Guilford Press, 1990.

MINKOV, M. Predictors of differences in subjective well-being across 97 nations. *Cross-Cultural Research*, Sage Publications, v. 43, n. 2, p. 152–179, 2009.

PNUD. *Humano, Brasil 2009/2010*. [S.l.]: Editora Ultra Digital, 2010.

PUTNAM, R. D.; LEONARDI, R.; NANETTI, R. Y. *Making democracy work: Civic institutions in modern Italy*. [S.l.]: Princeton University Press, Princeton, 1993.

RAVIV, A. et al. The reaction of the youth in israel to the assassination of prime minister yitzhak rabin. *Political Psychology*, Wiley Online Library, v. 19, n. 2, p. 255–278, 1998.

ROSKIN, M. G. *The Rebirth of Eastern Europe*. [S.l.]: Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1991.

SAGIV, L.; SCHWARTZ, S. H. Value priorities and readiness for out-group social contact. *Journal of personality and social psychology*, American Psychological Association, v. 69, n. 3, p. 437, 1995.

SCHWARTZ, S. H. A theory of cultural value orientations: Explication and applications. *Comparative sociology*, Brill, v. 5, n. 2, p. 137–182, 2006.

_____. An overview of the schwartz theory of basic values. *Online Readings in Psychology and Culture*, v. 2, n. 1, p. 11, 2012.

_____. Towards explanations of national differences in value priorities. *XXIV Congress of Interamerican Society of Psychology, Santiago, Chile*, Wiley Online Library, 1993.

_____. Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. *Advances in experimental social psychology*, Orlando, FL, v. 25, n. 1, p. 1–65, 1992.

_____; BARDI, A. Influences of adaptation to communist rule on value priorities in eastern europe. *Political psychology*, Wiley Online Library, v. 18, n. 2, p. 385–410, 1997.

_____; _____. Value hierarchies across cultures taking a similarities perspective. *Journal of cross-cultural Psychology*, Sage Publications, v. 32, n. 3, p. 268–290, 2001.

_____; _____. Value adaptation to the imposition and collapse of communist regimes in east-central europe. In: *Political Psychology*. [S.l.]: Springer, 2000. p. 217–237.

TAMAYO, A.; SCHWARTZ, S. H. Estrutura motivacional dos valores humanos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 9, n. 2, p. 329–348, 2012.

TETLOCK, P. E. A value pluralism model of ideological reasoning. *Journal of personality and social psychology*, American Psychological Association, v. 50, n. 4, p. 819, 1986.

TRIANDIS, H. C. *Cross-cultural studies of individualism and collectivism*. University of Nebraska Press, 1990.

UNDP. *Human Development Report*. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

VENEZIANI, M. Sinistra e destra [left and right]. *Florence, Italy: Vallecchi*, 1994.

VERKASALO, M.; GOODWIN, R.; BEZMENOVA, I. Values following a major terrorist incident: Finnish adolescent and student values before and after september 11, 2001. *Journal of Applied Social Psychology*, Wiley Online Library, v. 36, n. 1, p. 144–160, 2006.

VERTZBERGER, Y. Y. The antinomies of collective political trauma: a pre-theory. *Political Psychology*, Wiley Online Library, v. 18, n. 4, p. 863–876, 1997.

WEBER, M. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism: and other writings*. [S.l.]: Penguin, 2002.